

# ELEMENTOS DA PÓS-MODERNIDADE NUM CONVITE RELIGIOSO – UMA ANÁLISE MULTIMODAL E CRÍTICA DO DISCURSO<sup>29</sup>

Johêdyr Adjyan Cartaxo de Freitas<sup>30</sup>  
Neiva Maria Machado Soares<sup>31</sup>

## Introdução

Durante a modernidade, a unidade de pensamento e absolutismos era valorizada, no entanto, características sociais e culturais contemporâneas são drasticamente diferentes. Dessa forma, um discurso atualmente relevante não deve estar baseado em argumentos ou experiências anacrônicas. Isso tem aplicação em diversos contextos, inclusive, no religioso. O cristianismo é a religião mais popular no Brasil e só no Amazonas 93% da população professa essa fé, por isso vê-se a importância de analisar como igrejas históricas (ou seja, que atuavam desde o século XIX) atuam em tempos pós-modernos e lugares contemporâneos, para utilizar os termos de Giddens (1991).

A Análise de Discurso Crítica – ADC (FAIRCLOUGH, 2016 [1992]) e a Multimodalidade (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006 [1992]) cunhada por meio da Gramática do Design Visual (compondo a Linguística Sistêmico Funcional de Halliday (1994 [1985])), são as ferramentas para alcançar o objetivo de analisar, sob a perspectiva da ADC e da Multimodalidade, os elementos da pós-modernidade presentes no convite online de uma igreja que cultua num shopping de Manaus, capital do Amazonas.

Esta uma pesquisa é qualitativa, sendo caracterizada, por sua natureza, como descritiva (por descrever as características de um objeto de estudo – pós-modernidade) e explicativa (por identificar os fatores que contribuem para um determinado fenômeno – discurso religioso).

O *corpus* deste estudo foi tomado por acessibilidade, sendo um convite online de uma igreja cristã do Amazonas, considerada contemporânea pelo seu local de culto: o teatro de um dos principais *shoppings centers* da capital. Chamada de Comunidade Viva, é de confissão Batista e mantém uma página oficial no *Facebook* onde, de forma pública, realiza seus convites. O conteúdo digital de março de 2018 é a intenção de análise neste trabalho.

## Perspectiva histórica da religiosidade cristã

Uma das marcas da Idade Média era a perspectiva político-religiosa. Naqueles tempos, a igreja cristã institucionalizada fazia entender que, sob seu direcionamento, haveria paz, segurança e unidade no mundo (CNBB, 1998). Com a frustração dessas expectativas, conceitos baseados em aspectos tangíveis, racionais e testáveis, despontaram em detrimento àqueles

29. Este artigo é um recorte da dissertação intitulada “Templos no templo - elementos da pós-modernidade no discurso religioso” do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH) da Universidade do Estado do Amazonas (UEA).

30. Formado em Teologia (Unasp-EC) e especialista em Cultura Teológica (UCDB), é mestre em Ciências Humanas pela PPGICH da UEA. ORCID: 0000-0001-8909-5808. E-mail: johedyr@gmail.com

31. Mestre e Doutora em Linguística pela UFSM e UnB, respectivamente, é professora da graduação e pós-graduação da UEA e líder do Grupo de Pesquisa SDisCon. ORCID: 0000-0001-6642-5050. E-mail: nemsoa@hotmail.com

espirituais. Isso marca uma nova era: a modernidade, resumida por Buckingham *et al.* (2011, p. 100) como "a vitória da descoberta racional e científica sobre o dogma cristão".

O advento da perspectiva científica indicou uma ameaça ao cristianismo institucional. No entanto, sua atuação permaneceu recorrente ao submeter suas crenças à Crítica Textual, Arqueologia, História e, e por suas estruturas funcionais valorizarem a formalidade, a liturgia, a hierarquia, a ordem e o progresso – da mesma forma como prometia o cientificismo.

A uniformidade e o progresso da Modernidade não promoveu a paz ou a harmonia que prometeu (DIJK, 2008; BUCKINGHAM *et al.*, 2011). Esse fato provocou um novo movimento cultural: a Pós-modernidade – que além de surgir após a Modernidade, também se opõe a vários de seus pressupostos como: a busca da única verdade, das estruturas das formas, da liderança hierárquica, da centralização do poder e das metanarrativas (LYOTARD, 2009).

Por isso, algumas denominações cristãs caracteristicamente modernas têm discursado sob uma contextualização metodológica aos pressupostos da contemporaneidade. Eduardo Galvão (1955) explica que, no Amazonas, por suas características socioculturais e geográficas, diversas igrejas têm atuado em barcos itinerantes, flutuantes e imóveis de madeira sobre palafitas. No entanto, além das comunidades ribeirinhas, os espaços urbanos agregam o maior conglomerado populacional do estado. Dessa forma, o ambiente virtual (mais acessível e estável nesses locais) tem sido utilizada para ações evangelísticas em grande escala na região. Esses textos digitais são úteis para análise científica. Por isso, a Figura 1 foi selecionada:

Figura 1: Convite - Como andar de bicicleta



Fonte: Disponível em: <<https://www.facebook.com/events/192222001544770/>>. Acesso em: 13 ago. 2019.

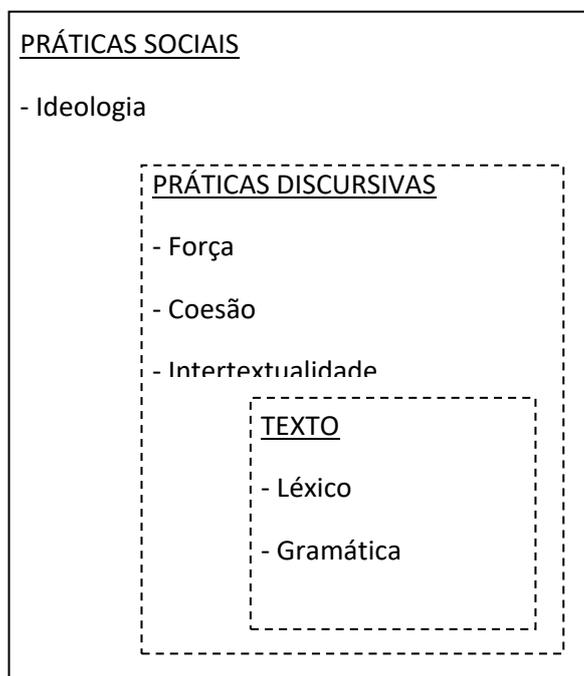
O texto é uma forma peculiar da comunicação e sua composição extrapola as frases ou palavras escritas (forma materializada) e alcança o contexto (uma vez que é utilizado para a escolha semântica). Assim, tudo pode vir a ser um texto. Essa característica tem contribuído para o interesse dos estudos acadêmicos que têm o texto, como elemento de “Análise do Discurso” (AD), o que engloba também a Multimodalidade, que serão discutidas a seguir:

### Análise do Discurso Crítica

O termo Análise do Discurso Crítica (ADC) foi utilizado nos anos 1980. Sua abordagem científica inter e transdisciplinar promove estudos críticos da linguagem como prática social, discursiva e textual, podendo ser percebida na estrutura e conteúdo dos diferentes gêneros textuais. A ADC começou a se desenvolver como um campo acadêmico distinto e Norman Fairclough (2016 [1992], p. 3) é um dos seus principais teóricos que afirma: “os discursos não somente refletem ou representam instituições e relações sociais, eles as constroem/constituem”.

Fairclough (2016 [1992]) compreende a ADC como tridimensional. A Figura 2 apresenta uma proposta que insere as dimensões de análise e separa as dimensões com linhas pontilhadas, a fim de destacar a relação entre essas dimensões.

Figura 2: Concepção Tridimensional do Discurso com Dimensões de Análise



Fonte: Autoria própria, com base em Meurer, Bonini e Motta Roth (2005, p. 95)

Nesta concepção tridimensional, Fairclough (2016 [1992]) contempla a prática social, a prática discursiva e a prática textual propriamente dita. Assim, o texto é analisado sem considerá-lo de forma exclusiva, mas observando também os aspectos externos a ele. Por existir uma centralidade dos seus

estudos nessas três dimensões, entende-se que elas devem ser percorridas individualmente de maneira a aprofundar o seu entendimento. É isso que será feito a seguir:

### **Prática Textual da ADC**

Norman Fairclough (2016 [1992]) aplica a análise da prática textual a partir de quatro perspectivas: vocabulário, gramática, coesão e estrutura textual. Cada um desses aspectos será apresentado individualmente nos parágrafos a seguir.

O *vocabulário* considera as palavras individualmente, não sendo exclusivamente aquela que é registrada ou de alguma forma documentada em um dicionário, afinal, existem vários vocabulários inter e sobrepostos entre si nas diferentes interações sociais. Talvez seja por isso que Fairclough (2016 [1992], p. 109) utiliza os termos “*wording*”, “lexicalização” e “significação” como num intercâmbio de palavras.

A partir da *gramática*, que relaciona as palavras combinadas em orações e frases, pode-se compreender o conjunto de regras que regem o uso da língua em que o texto é produzido. Uma vez que a combinação das menores unidades da língua forma as unidades maiores, sua compreensão irá compor a análise a ser realizada pelo pesquisador crítico (BATISTA JÚNIOR; SATO; MELO, 2018).

Quando a *coesão* é considerada como critérios de análise do texto, ela é concebida a partir de como as orações são ligadas em frases e como as frases, por sua vez, são ligadas para formar unidades maiores nos textos.

O último conceito é chamado de *estrutura textual* e diz respeito à arquitetura dos textos e/ou a ordem em que os elementos são narrados. Essa estruturação vai seguir alguma convenção e, ao ser identificada, poderá ampliar a percepção de variados aspectos como os sistemas de conhecimento e crença, os pressupostos sobre as relações sociais e as identidades sociais que estão embutidos nos diversos tipos de texto (FAIRCLOUGH, 2016 [1992]).

### **Prática Discursiva da ADC**

Relacionada com a produção, a distribuição e o consumo dos textos – e contextos, a prática discursiva, de alguma forma, faz parte da prática social. Ela percorre os seguintes construtos: tipos de atos de fala ou força ilocucionária, coerência e intertextualidade e interdiscursividade, que serão explicitados a seguir.

Cada texto, ao ser construído, pode apresentar componentes acionais através de ordens, perguntas, ameaças ou promessas feitas através de atos de fala que indicam a força do texto. Ao reconhecer que a sequência no texto pode caracterizar um indicador de força, Fairclough (2016 [1992], p. 117) também destaca o papel das forças diretas e indiretas, bem como do contexto social.

Outra dimensão a ser considerada é a *coerência*, ou seja, o exercício feito através de conexões e inferências necessárias para que a leitura ocorra dotada de sentido. Como um texto coerente deve ser reconhecido tanto no seu próprio conteúdo, quanto da parte de sua interpretação, a ausência de marcadores explícitos, por mais que garantam a coesão no texto, podem não garanti-la na experiência de interpretação textual.

Falando a respeito da existência contínua de acréscimos a cadeia de comunicação verbal, Bakhtin (2006) explica que cada texto responde a textos prévios. Dessa forma, a *intertextualidade* é a que recebe maior destaque por Fairclough (2016 [1992]) entre as dimensões de análise. É entendida a partir de quando um texto se apropria (ou se constitui) de vários fragmentos de outros textos.

A intertextualidade também constitui dimensão textual que possibilita a *interdiscursividade* que corresponde à composição de um texto a partir de diversos discursos e gêneros discursivos.

### **Prática Social da ADC**

Existe um pressuposto para compreensão do processo social: a interação mútua da prática discursiva, textual e social. A prática social é mais abstrata ou ampla e, de alguma forma, media as demais; ela articula o discurso como linguagem integrada a outros elementos não discursivos, compostos por áreas aleatórias da vida social. O ambiente político, escolar, esportivo e/ou medicinal, por exemplo, num diálogo entre os pares, vai articular o uso da linguagem entre os interessados (parlamentares e povo, professores e alunos, atletas e torcedores e médicos e pacientes, respectivamente) (BATISTA JR.; SATO; MELO, 2018).

Essa articulação destaca a perspectiva de Fairclough (2016 [1992], p. 121) da prática social a partir do “conceito de discurso em relação à ideologia e ao poder [situando] o discurso em uma concepção de poder como hegemonia e em uma concepção da evolução das relações de poder como luta hegemônica”.

Em relação à *ideologia*, entende-se que pode estar presente no discurso e alcança eficácia quando está posicionada de maneira naturalizada, como que tendo alcançado um status de senso comum (ALTHUSSER, [1971]1987). No entanto, a presença delas no texto são formas de imposição unilateral ou reprodução autoritária de conceito.

Essa consideração, de alguma forma, introduz o conceito de *hegemonia* que, sendo oriundo de Gramsci (1999), é entendido como a liderança tanto quanto dominação nas esferas econômica, política, cultural e ideológica, ou seja, se constitui na evolução das relações de poder e, por isso, foca constantemente na “luta sobre pontos de maior instabilidade entre classes e blocos para construir, manter ou romper alianças e relações de dominação/subordinação” (FAIRCLOUGH, 2016 [1992], p. 127).

Assim, a ADC deve ser descrita a partir da visão de semiose social que engloba todos os aspectos relacionados à construção dos sentidos. É nesse ponto que a proposta de Gunther Kress e Theo van Leeuwen (2006 [1996]), relacionada à Teoria da Multimodalidade, pode ser apresentada em sua dimensão da Semiótica Social.

Um texto multimodal amplia a linguagem escrita, abrangendo outras formas de comunicação como imagens, gestos, olhar, expressões faciais, enfim, qualquer texto cujos significados são realizados através de mais de um código semiótico (KRESS; VAN LEEUWEN (2006 [1996])). Assim, percebe-se a importância da Teoria da Multimodalidade para análise do corpus desta pesquisa e, por isso, será apresentada a seguir.

### Teoria da Multimodalidade

Ao entender que as interações humanas se realizam a partir das mais diversas formas de linguagem, Kress e van Leeuwen (2006 [1996]) cunharam a Multimodalidade por meio da Gramática do Design Visual (GDV), reconhecendo que cada símbolo, cor, proporção, fonte e demais elementos utilizados para a formação de um símbolo, tem um interesse e motivação por parte do produtor. E cabe ao pesquisador descobrir e apresentar essas intenções, se valendo do maior número possível de informações, inclusive, do contexto social, afinal, como destacaram Vieira e Soares (2017, p. 10 apud KRESS; van LEEUWEN, 2006 [1996], p. 8): “os signos são motivados e não arbitrários, pois são formulados seguindo escolhas dos seus produtores em contextos específicos de produção e não como atos de produção”.

Quando a linguagem é considerada apenas sob a perspectiva escrita e/ou oral, sua pluralidade já podia ser percebida, no entanto, a pós-modernidade ampliou sua variedade, afinal, “na contemporaneidade os textos não podem mais ser compreendidos apenas pelo modo verbal. Eles trazem cores, recursos visuais e até movimentos, onde a imagem tem tido papel de destaque” (AMOÊDO; SOARES, 2018, p. 131-132).

A operacionalização de sua análise vai ocorrer a partir de três metafunções com suas respectivas categorias de análise de imagens, chamadas por Kress e van Leeuwen (2006 [1996]) de Categorias Multimodais de análise que podem ser melhor visualizadas através das informações presentes no Quadro 1, a seguir:

Quadro 1: Categorias Multimodais de análise

| ATEGORIAS MULTIMODAIS DE ANÁLISE DA GDV |                       |                          |
|---|-----------------------|--------------------------|
| METAFUNÇÃO REPRESENTACIONAL             | METAFUNÇÃO INTERATIVA | METAFUNÇÃO COMPOSICIONAL |

|  |   |  |
|--|---|--|
| <ul style="list-style-type: none"> <li>• Participantes (PR e PI)</li> <li>• Estruturas representacionais: <ul style="list-style-type: none"> <li>- Estrutura narrativa</li> <li>- Estrutura conceitual (classificacional, analítica, simbólica)</li> </ul> </li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Contato Demanda Oferta</li> <li>• Distância Íntima Social Impessoal</li> <li>• Atitude <ul style="list-style-type: none"> <li>Ângulo horizontal frontal</li> <li>Ângulo horizontal oblíquo</li> <li>Ângulo vertical alto</li> <li>Ângulo Vertical baixo</li> <li>Ângulo Equânime</li> </ul> </li> <li>• Modalidade Naturalista Não-Naturalista Abstrata</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Valor informacional Novo-Dado Real-Ideal Centro Margem</li> <li>• Saliência Tamanho Cor Saturação Contraste Perspectiva</li> <li>• Enquadre Conexão/Desconexão</li> </ul> |
|--|---|--|

Fonte: Vieira e Soares (2017, p. 13 apud KRESS; van LEEUWEN (2006 [1996])).

Como forma de facilitar a compreensão dessas metafunções, os próximos subtítulos irão compor uma explicação de cada uma delas. Na sequência, primeiramente, serão explorados os construtos da Teoria Multimodal de Análise relacionados à metafunção representacional.

### **Metafunção Representacional da Multimodalidade**

Uma análise feita sob a ótica do significado representacional vai tratar, basicamente, das relações entre os participantes, os processos e as circunstâncias, dando suporte para a realização do sistema chamado de transitividade (VIEIRA; SOARES, 2017).

Nessa teoria, os participantes são reconhecidos em dois tipos: o *Participante Representado* (PR): aquelas pessoas, os lugares e coisas representadas na composição; e o *Participante Interativo* (PI): as pessoas que se comunicam através de imagens, seja produzindo ou consumindo as mensagens expostas (KRESS; van LEEUWEN, 2006 [1996]).

Ao reconhecer que, na Gramática do Design Visual, sob o aspecto estrutural do significado representacional, as imagens podem ser analisadas a partir da composição de uma estrutura *narrativa*, quando os participantes interagem entre si e “estão conectados por um vetor (...). Esse processo pode ser representado de várias formas: ‘transacional’ quando há dois participantes, ‘não transacional’ onde há apenas um participante e ‘bidirecional’ ocorrendo um movimento das funções dos participantes na composição ora Ator (agente) e Meta (paciente)”. (AMOÊDO; SOARES, 2018, p. 135).

Por outro lado, quando se tratar de uma imagem estática, sua estrutura é *conceitual*. Pela ausência de vetor

(ou pelo menos, a não percepção deste), o participante representado será a base da análise (VIEIRA; SOARES, 2017). A autora, explica ainda que, nesse formato, os processos podem se apresentar de três formas: classificatória (quando uma imagem é composta por diversos participantes que são mostrados com traços e características em comum); analítica (quando dois ou mais participantes de uma imagem são mostrados como sendo partes fragmentadas de outro participante); e simbólica (que diz respeito ao que o participante é ou simboliza).

### **Metafunção Interativa da Multimodalidade**

Uma imagem também pode ser examinada através da metafunção interativa, que diz respeito às interações e relações sociais entre os participantes representados nas imagens, bem como o seu produtor e espectadores. Por isso, mais uma vez, é introduzido o conceito de PR e PI, demonstrando que as diferentes metafunções mantêm relações de análise.

O *Contato* é uma das categorias de análise; ela é percebida quando um vetor estabelece uma relação direta no olhar dos PRs com o observador. Isso pode ocorrer por Demanda (quando por meio do contato visual, expressão facial ou gestos o produtor coloca o PR demandando algo diretamente para o PI) ou por Oferta (quando não há contato entre os participantes e o PR é unicamente um item contemplativo do PI) (CARVALHO, 2013).

A segunda dimensão é relacionada à *Distância* dos participantes podendo ser íntima (plano fechado), social (plano médio) e impessoal (plano aberto). Carvalho (2013, p. 39) afirma que “tais enquadramentos situam-se em um contínuo e sugerem, respectivamente, relações de intimidade, amizade, e distanciamento com o espectador”.

Ao explicar a categoria de análise relacionada ao *Ângulo* [ou *Perspectiva*], Amoêdo e Soares (2017, p. 136) afirmam que ela “implica na possibilidade de expressar atitudes sociais e subjetivas do PR ao PI tais como, o grau de envolvimento (ângulo horizontal) ou a relação de poder entre eles (ângulo vertical)”. Kress e van Leeuwen (2006 [1996]) indicam ainda que a imagem pode ter um ponto de vista frontal ou oblíquo, diferenciando-os em relação ao envolvimento que o produtor deseja que o PI tenha com o PR.

Por fim, a categoria de análise chamada de *Modalidade* permite enquadrar a imagem estudada a partir do grau de congruência ou veracidade entre a representação visual de um objeto e aquilo que normalmente visualizamos dele (KRESS; van LEEUWEN, 2006 [1996], p. 158). Carvalho (2013) explica que esse exame ocorre sob um de três aspectos, a saber: naturalista (quando a imagem poderia ser observada da mesma forma a olho nu); abstrata (quando torna visível o que é normalmente invisível) e não naturalista (representadas com as tecnologias da atualidade como 3D).

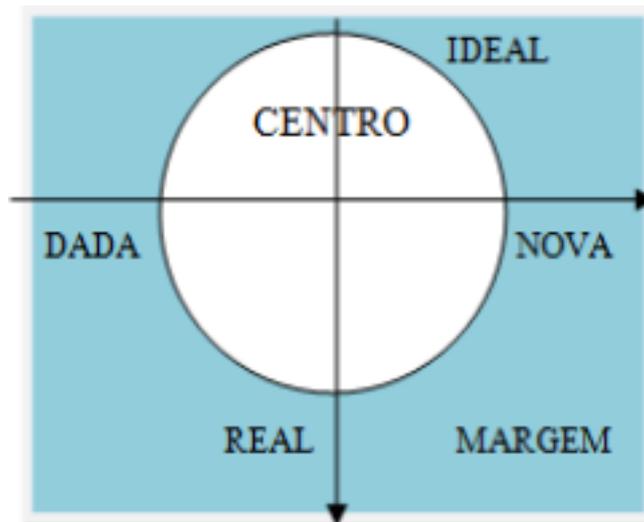
## Metafunção Composicional da Multimodalidade

A metafunção composicional se relaciona com os elementos linguísticos e visuais que compõem o texto (o que, de alguma forma, incorpora significados interativos e representacionais). Na visão de Kress e van Leeuwen (2006 [1996]), a posição, a saliência e o enquadre de cada elemento de uma imagem relaciona os seus significados representacionais e interativos, conferindo a eles valores de informações específicas entre si.

O primeiro aspecto dessa categoria é chamado de *Valor da Informação* ou “Posição”. Durante a análise imagética, ao traçar um eixo horizontal, observa-se uma espécie de padrão intencional: os elementos colocados à esquerda são apresentados como dados (informações que o espectador já conhece) e os elementos colocados à direita como novos (algo desconhecido ou ainda não percebido). Em relação ao plano vertical, elementos colocados na parte superior são apresentados como Ideal (algo do tipo abstrato ou desejável, projetado como um objetivo) e na parte inferior como o Real (informações mais específicas ou práticas), podendo ainda transmitir alguma ideiação de relação de poder (KRESS; van LEEUWEN, 2006 [1996]). O terceiro e último plano do Valor Informacional tem que ver com a divisão Centro-Margem e ocorre quando a composição visual faz uso significativo do Centro da imagem e os demais elementos ao seu redor, estão colocados na chamada Margem.

O Quadro 2, a seguir, ilustra os diversos aspectos vistos na categoria do Valor Informacional:

Quadro 2: As dimensões dos valores de informação no espaço virtual



Fonte: Amoêdo e Soares (2017, p. 137, “adaptado de Kress e van Leeuwen (1996, p. 208, com ajustes)”).

A metafunção composicional considera um segundo fator de análise: a *Saliência* que revela hierarquia entre os elementos visuais em relação ao tamanho, a saturação

(diferenças no nitidez), a modalidade das cores (preto e branco), campo visual (esquerda e direita), a perspectiva (sobreposição), o contraste (claro e escuro) e os fatores culturais (como a aparência de uma figura humana ou um símbolo cultural específico).

O terceiro e último fator de análise é o *Enquadre (framing)* realizado por linhas divisórias de molduras reais ou não. Segundo Vieira e Soares (2017), esse constructo tem a ver com a coesão e a coerência visual. Isso porque, a presença ou ausência de dispositivos de enquadramento, indica uma conexão ou desconexão entre os elementos da imagem significando que, em algum sentido, eles fazem parte (ou não) da composição.

Ao discutir os três significados multimodais que apresentam as categorias analíticas através das metafunções da GDV, percebe-se como essa teoria é essencial para a análise imagética que compõe o capítulo a seguir.

### **Percurso Analítico**

O convite analisado se refere à Figura 1, postada na plataforma digital Facebook da Comunidade Viva. É composto por dados imagéticos e também por elementos textuais, quando é dado o título e o subtítulo de uma série de palestras, a saber: “Como andar de bicicleta – práticas cotidianas para uma vida abundante”.

A prática discursiva tem que ver com a produção, a distribuição e o consumo dos textos. Considerando suas condições de recepção ou de feedback que a postagem recebeu, observou-se que não gerou comentários ou reações pela rede social uma vez que ela foi inserida no módulo “Evento” (que não possibilita esse tipo de reação). Mesmo assim, o nível de envolvimento ali registrado pode ser considerado baixo, afinal, dos 3.769 usuários que seguem a referida página, apenas 28 se ocuparam em demonstrar interesse e/ou disponibilidade em atender o convite. Por outro lado, esse não parece ser um instrumento de avaliação eficaz, afinal, em meio aos dados estatísticos gerados pela plataforma, também é dito que 57 pessoas compareceram, o que destaca a inconsistência no uso da ferramenta (já que houve mais pessoas que prestigiaram o evento do que pessoas interessadas estar no evento) bem como a diferenciação do público que segue a igreja estritamente no ambiente virtual (alcançando proporções globais), bem como os moradores da região manauara que participam em seus cultos presenciais.

As perguntas são frequentes na introdução do convite em questão e partem do pressuposto de que o leitor sabe fazer o que se está perguntando. O texto corre o risco de constranger o leitor ao perguntar de maneira ativa: “Você lembra como aprendeu a andar de bicicleta?”. Se o leitor não souber andar de bicicleta, é automaticamente excluído

do diálogo, ou seja, a pergunta destaca uma ameaça. Os atos de fala percebidos destacam um pedido: “Vem pedalar com a gente” e ao mesmo tempo uma força ilocucionária. O texto termina com uma promessa (se esforçar e ter disciplina para práticas espirituais é inesquecível – esse parece ser um pressuposto – “como andar de bicicleta”).

Em relação à coerência, percebe-se uma harmonia entre os fatos e as ideias das apresentadas ali. É claro que o texto supõe vários aspectos do dia a dia do leitor que, certamente errou, por exemplo: *de tão automático, você até acorda num lugar e nem sabe como andou até lá*. Essa experiência não irá necessariamente expressar uma verdade absoluta para todos os leitores e, nisso, se descaracteriza com a condição pós-moderna.

No que diz respeito à intertextualidade, a composição imagética é constituída numa base com configuração diferente do texto escrito. São muitas fontes diferentes (à olho nu, é possível identificar, pelo menos, quatro delas). Percebeu-se também que há interdiscursividade, pois o texto é constituído a partir de outros discursos e gêneros discursivos relacionados ao esporte e lazer, por exemplo. Os elementos da prática da Educação Física são colocados em justaposição aos elementos da prática da Educação Religiosa.

No convite são utilizadas duas palavras formais: “cotidianas” e “abundante” e de comunicação impessoal, característica ineficiente ao público pós-moderno. Por outro lado, o texto escrito em anexo é todo colocado em segunda pessoa, o que promove um diálogo com o leitor que pode ser percebido tanto pelas perguntas iniciais (objetivas e também subjetivas), quando pelo léxico informal (“você” – com 6 ocorrências –, “besteiras”, “vem pedalar com a gente” são os termos que apontam para isso). O vocabulário utilizado é coloquial e parte do específico (aprender a andar de bicicleta) indo até ao geral (aprender a falar).

Analisando pelo viés da gramática percebe-se uma tentativa de que as palavras sejam combinadas nas orações e frases, através de um quiasma falho, afinal, as expressões “andar de bicicleta”, “nadar” e “falar” são colocadas em relação a “falar, dormir, nadar e pedalar) e, pela adição do termo “dormir”, percebe-se o equívoco.

Quanto à coesão, o título “Como andar de bicicleta” pode ser apresentado como sinônimo da expressão “Simples e inesquecível”, uma vez que é colocado no texto escrito do convite a expressão: “Pedalar, ninguém jamais esquece” e “O resultado final... é como andar de bicicleta”.

Em relação à estrutura textual, percebe-se uma arquitetura e organização textual e nos seus modos de apresentação. O texto inicia com uma interação, continua com uma argumentação e conclui com um apelo.

O texto em questão pertence ao gênero convite, mas não nos moldes dos panfletos que se distribuía impressos; neste caso, ele está em uma página da internet que pode ou não

ser impresso. O seu alcance não pode ser medido em “pés de carteiro”, mas na velocidade da rede digital, em que o fiel mais longínquo pode ser conectado. De alguma forma, isso caracteriza um aspecto da pós-modernidade, uma vez que a igreja objetiva se mostrar envolvida em práticas contemporâneas e está imersa num ambiente global através de sua atividade no ambiente virtual, cenário que diversas pessoas usam seu tempo.

Ideologicamente, o texto é apresentado com o sentido de ajudar alguém a viver uma vida simples e parte do pressuposto que o leitor não vive assim. Ou seja, o convite tem um viés de que o leitor precisa aprender algo e é incapaz de aprender sozinho. A metáfora da bicicleta é bastante destacada: se andar de bicicleta é simples, as sugestões dadas nas palestras também serão; se ninguém se esquece de andar de bicicleta, ninguém esquecerá o que irá ouvir naquela série. Assim, concluem transmitindo a ideia de que seu conteúdo está associado à durabilidade, eternidade, legado e continuidade da experiência.

A relação de hegemonia (que tem a ver com uma evolução das relações de poder, se constituindo num sistema de dominação) é de poder sapiencial. O(s) produtor(es) da série se apresenta(m) como tendo esse poder e como se o leitor não fosse como ele(s). Também se pressupõe que o receptor do texto não tem práticas espirituais diárias, o que pode gerar algum tipo de constrangimento. Por fim, é pertinente mencionar que a hegemonia do contexto pós-moderno, impinge às pessoas a estarem sempre em movimento, compromissadas com alguma tarefa. Logo, percebe-se a aplicação desse conceito às igrejas e aos fieis, uma vez que, mesmo transmitindo uma sensação de quietude, a proposta da imagem indica a necessidade de não ficar parado. O fato de o convite direcionar o leitor para uma programação no *shopping center* proporciona uma reflexão pertinente, afinal, esse local transmite uma ideia semelhante de movimento contínuo de quem está ali.

A seguir, será apresentada a análise imagética sob a perspectiva multimodal. Para melhor visualização, é possível fazer um recorte da Figura 1, produzindo a Figura 2, a seguir.

Figura 2: Recorte do Convite



Fonte: Disponível em: <<https://www.facebook.com/events/192222001544770/>>. Acesso em: 13 ago. 2019.

Na contemporaneidade, as imagens estão presentes na vida das pessoas de inúmeras formas. As redes sociais cada vez mais se apropriam desses recursos semióticos para potencializar seus discursos, construir e reforçar laços comunicativos. Sendo assim, o *corpus* será analisado ainda sob esse o viés multimodal, ou seja, observa-se como diferentes modos semióticos orientam a leitura de textos visuais, no caso, o gênero textual convite.

A análise irá perpassar cada metafunção citada, iniciando pela Representacional. Na Figura 2, o Participante é do tipo Representado (PR) e sua estrutura se destaca ao perceber que existem dois PRs estabelecendo algum relacionamento entre si, compondo uma estrutura narrativa transacional, afinal, a postura corporal dos personagens parece sugerir um pai e um filho passeando de bicicleta, juntos, apontando para o status.

Também há elementos conceituais: o infinito e o ato de andar em direção a ele de bicicleta. Tais elementos remetem ao novo, inesperado e desconhecido. O ato de andar de bicicleta, além do exercício físico e mental, também pode sugerir a mobilidade e liberdade humana em busca desse desconhecido.

Além disso, as representações são construídas na sociedade por meio de valores, crenças e imagens que são registradas paulatinamente perpassando o viés cognitivo, mas também social (MOSCOVICI, 2003). No caso analisado, observa-se que o produtor utilizou elementos cotidianos para construir um significado que poderia ser mais facilmente assimilado por meio de conceitos e narrativas peculiares aos indivíduos de qualquer contexto.

Em relação à Metafunção Interativa, percebe-se que o Contato estabelecido se dá por Oferta, pois ambos PRs estão ali para serem observados. O aspecto relacionado à Distância também é reconhecido, desta vez, através do plano aberto e, por isso, Impessoal – até porque, nem mesmo se vê algum vetor de olhar e, parece haver uma ilusão de ótica que não permite identificar se os ciclistas estão de costas ou de frente para o leitor. Esse fato torna controverso o apontamento da Atitude dos PRs, no entanto, esse mesmo fator indica a Modalidade Naturalista da imagem.

No que diz respeito à Metafunção Composicional, ao dividir as dimensões dos Valores de Informação no espaço virtual da Figura 2, logo se identifica o suposto passeio de um pai com seu filho no plano Dado-Novo, o que favorece a proposta de que, o que é prometido não é imaginário, ou seja, já existe.

Quanto à Saliência, os elementos de análise são tamanho médio da imagem, saturada, e modalidade das cores bilocor (preto e laranja, simulando um pôr-do-sol); o campo visual do convite está à Esquerda e a perspectiva coloca os PRs no primeiro plano, no entanto, pela ausência de vetores de personalidade, é possível que eles se encontrem no segundo plano, com o intuito de fazer com que o leitor se veja, ou se identifique, com

os PRs. O contraste escuro destaca o aspecto cultural de certa forma machista que descarta a mãe no ambiente familiar e apresenta o pai como (a) personalidade da alegria, (b) força, (c) sustento e (d) ensino do lar, uma vez que é ele quem (a) passeia com o filho, (b) ele quem apoia o filho, (c) ele quem só pode passear ao final do dia em casa – depois do trabalho, e (d) ele quem ensina as “práticas cotidianas para uma vida abundante do filho”. O Enquadre aponta para Conexão.

### Considerações Finais

Reconhecendo a ampla variedade geográfica e sociocultural do estado, esta pesquisa ocorre a partir do questionamento de "como a pós-modernidade apresenta-se no discurso religioso de uma igreja no Amazonas?", que atua no Manauara Shopping, um dos principais centros comerciais da capital Manaus. O convite online da Comunidade Viva transmite princípios de análise representativos e sua utilização por parte da igreja se configura como uma descaracterização, mas dessa vez: do canal de comunicação. Isto parece uma discussão dos conceitos de Giddens (1991) que vê os sistemas sociais como constituídos por relações no tempo-espaço, afinal, pôde-se perceber uma igreja que atua num *espaço incomum* (shopping) e num meio de comunicação exclusivo deste *tempo (internet)* que está em conformidade com aspectos da contemporaneidade.

O tema do convite analisado tem traços informais ao propor uma temática sob um viés que não caracteriza exclusivamente a experiência vicária em uma igreja, mas também a vida cotidiana. “Como andar de bicicleta”, num primeiro momento, aponta para o contexto onde o leitor está; só então, com o restante do texto escrito, procura-se tirá-lo dali e trazê-lo para o contexto do cristianismo e finalmente eclesiástico que não visa aludir a uma experiência estritamente ou caricata da Amazônia como apresentada por Galvão (1955).

Em relação ao léxico empregado, observou-se que a quantidade de expressões absolutistas encontradas no texto do convite, se configura como uma rotina. Isso demonstra a continuidade de um dos aspectos destacados da modernidade sendo aplicados abertamente ao público pós-moderno o que não favorece o seu engajamento, justamente porque essa característica parece ser a mais fácil de ser intuída num contexto virtual.

Assim, percebeu-se que a igreja tem utilizado um lugar físico (*shopping center*) e um ambiente digital (*internet*) para se comunicar de maneira intencional com o público contemporâneo, visto descaracterizar aspectos estruturais e de formalidade. No entanto, através do conteúdo do texto publicado online, vê-se a necessidade de desuso de termos absolutistas, bem como da utilização de expressões que promovam afetividade e informalidade, uma vez que essas são características específicas da condição pós-moderna.

No convite, por mais que todo o contexto seja diferenciado e o texto com características afetivas e amigáveis que bem representam o povo da região amazônica (GALVÃO, 1955), ainda há rescaldos de uma ideologia e hegemonia tradicionalmente moderna, por exemplo, ao apresentar a função do pai em detrimento a da mãe, ao indicar que todo indivíduo tem necessidade de buscar apoio religioso e também ao propor ideias baseadas, primariamente, em pressupostos absolutistas. Por mais que características simples do cotidiano como a solidariedade, generosidade e vida em grupos sociais, sejam elementos religiosos históricos e contemporâneos (MAFFESOLI, 2019), por vezes, carecem de uma demarcação presencial.

### Referências

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de Estado**. 3. ed., Rio de Janeiro: Edições Graal, 1987.

AMOÊDO, Rafael Seixas de; SOARES, Neiva Maria Machado. Transformações discursivas no contexto digital: análise multissemiótica do gênero meme **PERcursos Linguísticos**. Vitória/ES, 8:(18), p. 2.236-2.592, 2018.

BAKHTIN, Mikhail M. **Estética da criação verbal**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BATISTA JR, José Ribamar Lopes; SATO, Denise Tamaê Borges; MELO, Ira Ferreira de (orgs.). **Análise de discurso crítica para linguistas e não linguistas**. São Paulo: Parábola, 2018.

BUCKINGHAM, Will; BURNHAM, Douglas; HILL, Clive; KING, Peter J.; MARENBOON, John; WEEKS, Marcus. **O livro da filosofia**. São Paulo: Globo, 2011.

CARVALHO, Flaviane Faria. **Temas contemporâneos em semiótica visual**. Brasília: CEPADIC, 2013.

CNBB - CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Catecismo da Igreja Católica**. Brasília: Edições Loyola, 1998.

DIJK, Teun A. van. **Discurso e poder**. São Paulo: Contexto, 2008.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discourse and social change**. Cambridge: Polity Press, 1992.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. 2. ed., Brasília: Universidade de Brasília, 2016.

GALVÃO, Eduardo. **Santos e visagens** – um estudo da vida religiosa de Itá; Amazonas. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955.

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1991

GRAMSCI, Antônio. **Cadernos do cárcere**. Volume 1, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed., Rio de Janeiro: AP&A, 2006.

HALLIDAY, M.A.K. **An introduction to functional grammar**. 2. ed. Londres: Arnold, 1994.

KRESS, Gunther; VAN LEEUWEN, Theo. **Reading images: the grammar of visual design**. 2. ed., London; New York: Routledge, 2006.

LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. 12. ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

MAFFESOLI, Michel. **A palavra do silêncio**. São Paulo: Palas Athena, 2019.

MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Org.). **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

VIEIRA, Josenia Antunes; SOARES, Neiva Maria Machado. Hibridismo discursivo e multimodal contemporâneo – novas paisagens discursivas reconfiguradas. In: **Análise em discurso: semiótica e multimodalidade**. Manaus: UEA Edições, 2017. p. 7-30.